

Crise poderÃ¡ ser oportunidade para travar desertificaÃ§Ã£o rural

06-Feb-2009

Um mundo de oportunidades ou a crise afecta tambÃ©m a agricultura? Esta Ã© a questÃ£o que se coloca, numa altura em que Governo e associaÃ§Ãµes discutem polÃticas sobre o sector. Os fundos comunitÃrios poderÃ£o ser uma tÃ¡bua de salvaÃ§Ã£o, mas evitar o abandono do mundo rural cabe aos empreendedores que se devem modernizar e acompanhar as novas realidades. Para alguns especialistas, esta Ã© a altura certa para aproveitar dar a volta Ã crise e criar janelas de oportunidades. Foi o que fez uma mulher agricultora que, teimando em manter-se junto Ã terra que a viu nascer, resolveu aplicar as suas forÃ§as num projecto que quer venha a ser a sua sobrevivÃncia e das caracterÃsticas do mundo rural. Uma vontade que, contudo, nÃ£o parece existir nos jovens empresÃrios, jÃ que Portugal Ã© o paÃs com a agricultura mais envelhecida.

O Director Regional da Agricultura e Pescas do Centro (DRAPC) afirmou que o perÃodo de crise internacional poderÃ ser uma oportunidade para travar a desertificaÃ§Ã£o rural e de promover iniciativas empresariais.

"Haver Ãaxodo rural Ã© tambÃ©m uma fonte de oportunidades para quem tem estratÃgia, para gerar escala", afirmou Rui Moreira, frisando que o abandono das terras poderÃ permitir criar empresas rurais rentÃveis.

No entendimento do responsÃvel, a RegiÃo Centro padece de um "problema estrutural que vai sendo adiado, que Ã© o que fazer com a terra".

As reduzidas dimensÃes da propriedade exigem um novo emparcelamento, que nÃ£o deverÃ passar sempre pela intervenÃÃo do Estado, mas tambÃ©m da iniciativa das actividades econÃmicas, explicou o director da DRAPC.

"Confunde-se agricultura de subsistÃncia com actividade empresarial", observou, acrescentando que poucos sÃo os nÃcleos empresariais que entendem a actividade agrÃcola como actividade empresarial, quando hÃ alguns sectores, como a floresta, mais rentÃveis que outras consideradas como tal.

Rui Moreira realÃsou que Portugal gasta diariamente 50 milhÃes de euros no estrangeiro sÃ com a importaÃÃo de produtos alimentares, e "ninguÃm pode andar diariamente a tomar o pequeno-almoÃso fora, a almoÃsar fora, e a jantar fora".

Na sua perspectiva, esta situaÃ§Ã£o nÃo Ã© sustentÃvel, e desafia e cria oportunidades Ã iniciativa nacional, e apela a uma alteraÃÃo do olhar sobre a agricultura.

TambÃ©m o presidente do Conselho Empresarial do Centro, Almeida Henriques, expressa a opiniÃo de que a crise mundial poderÃ ser uma oportunidade para as iniciativas empresariais, nomeadamente no sector da agricultura.

"Quem sair desta crise sai reforÃado. NÃo se ganha dinheiro virtual, ganha-se na agricultura, na indÃstria extractiva, na indÃstria transformadora. Ganha-se onde se acrescenta valor. Volta a oportunidade de recentrar a atenÃÃo" nesses sectores, acrescentou.

Almeida Henriques defendeu tambÃ©m o desenvolvimento de uma consciÃncia cÃvica que leve a optar por produtos nacionais, no sentido de contribuir para a recuperaÃÃo da indÃstria portuguesa. Sugeriu ainda a criaÃÃo de sectores especÃficos para a sua venda nos supermercados.

Na Ãptica do responsÃvel mÃximo do Conselho Empresarial do Centro, para travar a desertificaÃ§Ã£o do interior torna-se necessÃrio criar nichos de empresas em cada municÃpio, capazes de estimular iniciativas

empresariais, mesmo as de pequena escala, e difundir clubes de micro-crédito para as ajudar a surgir.

"Não é possível fixar pessoas sem haver dinâmica empresarial. Não há receitas mágicas, mas uma coisa pode ajudar, que é a concertação de pessoas e a difusão de boas práticas", considerou Almeida Henriques.

Â
in Diário de Viseu de Segunda-feira, 2 de Fevereiro 2009